

O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento.



BOLETIM DE CONJUNTURA

BOCA

Ano III | Volume 5 | Nº 15 | Boa Vista | 2021

<http://www.ioles.com.br/boca>

ISSN: 2675-1488

<http://doi.org/10.5281/zenodo.4553171>



AS CARACTERÍSTICAS E OS IMPACTOS DA NARRATIVA DE JAIR MESSIAS BOLSONARO

Túlio Jander Frota Torres¹

Arnóbio Rodrigues de Sousa Júnior²

Vicente Thiago Freire Brazil³

Resumo

Tendo em vista que no Brasil os partidos de extrema direita estão em ascensão e que o líder do Poder Executivo é constantemente acusado, pela oposição e por movimentos sociais, de possuir uma narrativa fascista e antidemocrática, pesquisa-se sobre as características e os impactos da narrativa de Jair Messias Bolsonaro na sociedade brasileira, a fim de apontar quais os principais aspectos e efeitos que compõem esta narrativa. Realiza-se, então, uma pesquisa de finalidade básica, de caráter descritivo, subsidiada na pesquisa qualitativa de cunho bibliográfica a partir da problemática de que a narrativa de Jair Bolsonaro é classificada por muitos teóricos e movimentos sociais como fascista. Como considerações provisórias, verifica-se que a narrativa de Jair Messias Bolsonaro é expressa de forma autoritária, que apresenta características antidemocráticas e fascistas, o que impõe a constatação que a sua linguagem contribui com o clima de polarização, intolerância política e hostilidade no Brasil.

Palavras chave: Bolsonaro. Fascismo. Narrativas.

Abstract

Bearing in mind that in Brazil extreme right parties are on the rise and that the leader of the Executive Branch is constantly accused, by the opposition and by social movements, of having a fascist and anti-democratic narrative, research on the characteristics and impacts of narrative of Jair Messias Bolsonaro in Brazilian society, in order to point out the main aspects and effects that make up this narrative. Then, a basic-purpose research, of a descriptive character, is carried out, subsidized in the qualitative research of bibliographic nature starting from the problematic that the narrative of Jair Bolsonaro is classified by many theorists and social movements as fascist. As provisional considerations, it appears that the narrative of Jair Messias Bolsonaro is expressed in an authoritarian manner, which has anti-democratic and fascist characteristics, which imposes the observation that his language contributes to the climate of polarization, political intolerance and hostility in Brazil.

Keywords: Bolsonaro. Fascism. Narratives.

INTRODUÇÃO

Desde 2013, com o processo de manifestações políticas e ações interventivas em prol da destituição do governo petista, viu-se aumentar substancialmente a ascensão de partidos de extrema direita no cenário político brasileiro. Há vários fatores que devem ser elencados no sentido de compreender toda a articulação política de partidos e instituições incomodados com a possível

1 Graduando do Curso de Licenciatura em História da Universidade Estadual do Ceará (UECE), Campus de Crateús. Email para contato: profhistoriatulio@gmail.com

2 Graduando do Curso de Licenciatura em Geografia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE), Campus de Crateús. Email: arnobiojr07@gmail.com

3 Professor do Curso de Mestrado Acadêmico em Filosofia da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Email para contato: vicente.brazil@uece.br



permanência do Partido dos Trabalhadores (PT) no poder, que por conseguinte resultou em um cenário político ancorado na esperança de construir uma sociedade mais justa, democrática e um outro aportado na desesperança, no ódio contra a diversidade, contra os direitos minimamente assegurados a classe trabalhadora. De forma mais sistemática, é válido afirmar o papel dos mecanismos políticos, jurídicos, institucionais e midiáticos que contribuíram para a efetivação do impeachment, considerado por muitos sociólogos um golpe de estado, consolidado em agosto de 2016, logo, deram margem para a ascensão de uma retórica envelhecida, que não nos serve enquanto classe trabalhadora.

No entanto, não é só o Brasil que vive a ascensão de práticas autoritárias, fascistas e antidemocráticas. Como aponta a revista eletrônica Carta Capital (2020), para além do Brasil outros países enfrentam a escalada autoritária, fascista e racista com narrativas de cunho nacionalistas, religiosas, neoliberais e conservadoras, bem como é o caso de países da América Latina e da Europa. Sem dúvidas, o continente americano é palco de grandes tensões e conflitos que podem ser explicados a partir de uma análise geopolítica. No Brasil, com o resultado favorável à extrema direita nas eleições de 2018, potencializou-se e se consolidou uma narrativa extremamente reacionária legitimada pela bancada do boi, da bala e da bíblia. Narrativas construídas pelos ideólogos da privatização, da (neo)colonização do ensino, da domesticação à leitura e em linhas gerais, da sustentação da estrutura do capital.

Neste sentido, a presente produção acadêmica parte de implicações político-reflexivas que surgem mediante a formação de um contexto social e histórico de repressão a sociedade do bem viver que se vem estruturando desde 2013 e construindo um contexto de barbárie social consolidado em 2018 com a vitória de um governo anti-povo e reproduzido e legitimado até os dias atuais. Assim, é preciso construir enfrentamentos e saídas para uma sociedade democrática. Nessa perspectiva, este trabalho objetiva pesquisar e elucidar as características e os impactos da narrativa de Jair Messias Bolsonaro na sociedade brasileira, a fim de apontar quais os principais aspectos e efeitos que compõem esta narrativa que é direcionada a população brasileira de forma artilosa e desumana.

Conforme Levitsky e Ziblatt (2018), líderes autocráticos representam uma ameaça para as democracias já consolidadas pelo mundo, uma vez que a retórica apresentada por estes demagogos são polarizadas, hostis e colocam em dúvida a credibilidade das instituições democráticas responsáveis por defender o sistema político. Por isso, faz-se necessário tentar compreender os impactos de suas narrativas que pelo visto partem de uma visão conservadora, reacionária e até mesmo fascista, embora o governo federal não seja fascista.

Em 28 de outubro de 2018, segundo o portal de notícias G1 (2019), Jair Messias Bolsonaro, representante da extrema direita no Brasil, foi eleito com 57,8 milhões (55,13%) de votos, com uma campanha *antiestablishment* e anticorrupção. Contudo, em 2020, segundo o UOL (2020), movimentos



antifascistas impulsionados por torcidas organizadas do Corinthians, Palmeiras, São Paulo e Santos, foram para as ruas para se manifestar a favor da democracia e contra o governo Bolsonaro. Essa atitude conquistou o apoio da esquerda e o movimento antifascista ganhou proporção nacional, desta forma, levantando o debate da possível ameaça que o atual governo representa a democracia do país, uma vez que a atual administração é classificada por eles como fascista.

Diante disso, este trabalho ao apontar as características da narrativa de Jair Messias Bolsonaro e os impactos desta retórica no Brasil, uma vez que o atual presidente brasileiro é constantemente acusado de inflamar a população com uma retórica fascista semelhante ao governo de Benito Mussolini, na Itália, pretende ao menos inquietar os/as leitores/as sobre os fatos que estão na tessitura da realidade para que seja possível a construção da formação política que objetiva a emancipação social.

Parte-se do problema de que a narrativa/discurso de Jair Messias Bolsonaro é um discurso autoritário, misógino, homofóbico, negacionista e fascista, o qual está contribuindo para o clima de polarização e intolerância política colocando em risco a democracia do Brasil, que por sinal é burguesa, embora assegure algumas garantias a classe trabalhadora. Diante das proposições iniciais apontadas neste texto, pode-se afirmar que a presente pesquisa se faz necessária por buscar elucidar um debate que transcende os espaços de vida, de formação e de convívio social. Além disso, há outras intersecções que precisam ser evidenciadas a partir do estudo e que não podemos colocar nas margens, tampouco invisibilizar. Discutir esse eixo é crucial, visto o contexto histórico-social que estamos vivenciando e a necessidade de respostas sobre as variadas problemáticas que circundam a nossa sociedade.

É inegável a importância dos procedimentos metodológicos para a sistematização, didática e construção de um trabalho acadêmico. Não só para trabalhos acadêmicos, mas também para outras atividades pedagógicas no âmbito da educação e de outras esferas sociais. Neste trabalho/artigo, há uma necessidade de trabalhar com a pesquisa qualitativa de cunho bibliográfica de modo que seja possível construir outros diálogos de formação e elucidar o debate em torno das condições pedagógicas e políticas já existentes. Dessa maneira, a produção acadêmica ao usar a pesquisa qualitativa, utiliza-se de autores/as que são imprescindíveis para a construção do debate bem como Sousa Júnior (2020), Levitsky (2018), Konder (2015), Lessa (2011), Stanley (2018), Rusen (2010), Mendes (2019), Abranches (2019), Eco (2018) dentre outros textos que contribuem para a realização da pesquisa.

A pesquisa qualitativa é de extrema relevância visto que todo trabalho acadêmico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica (FONSECA, 2002). Sem dúvidas, este tipo de pesquisa proporciona a construção do diálogo com outros sujeitos e teorias de modo que seja possível apontar outras provocações e reflexões. Além disso, pode-se afirmar que a pesquisa é de finalidade básica, pois conforme Apolinário (2012) a pesquisa de finalidade básica estaria ligada a objetivos pessoais e não



comerciais, com o intuito de disponibilizar debates e posicionamentos que possam, sobretudo, contribuir para uma melhor compreensão o que se pretende pesquisar e elucidar.

Ainda sob a ótica de Apolinário (2012), esta pesquisa pode ser considerada também como um tipo de pesquisa descritiva e exploratória, pois busca descrever uma realidade e explorar o que está proposto como objetivo. Para além disso, há a utilização de textos de sites eletrônicos que tecem críticas ao contexto social e político que vivenciamos cotidianamente, explicitando a retórica do atual presidente do Brasil e como sua retórica influência ou não no clima de polarização e intolerância política que ameaçam a democracia do Brasil. Ademais, o artigo segue discutindo alguns apontamentos das características da narrativa de Bolsonaro, algumas reflexões em torno do debate de democracia e fascismo e elucidações dos impactos da narrativa de Bolsonaro. Ressalta-se que o texto não está colocado como verdade absoluta, mas aponta caminhos para construirmos o debate de forma ética, política e pedagógica.

ALGUNS APONTAMENTOS DAS CARACTERÍSTICAS DA NARRATIVA DE BOLSONARO

Para analisar os efeitos da retórica de Jair Messias Bolsonaro na sociedade brasileira é fundamental compreender quais são os aspectos que a compõem. Daí, pode-se pensar sobre as características de sua retórica, que é constantemente vista pela oposição e movimentos sociais, a partir de uma estrutura de sociedade que objetiva construir um projeto pró-capital e anti-povo. Utiliza-se este sujeito por ser uma figura nacionalmente conhecida e que foi eleita pelo povo para representá-lo, embora seus posicionamentos não estejam contribuindo para os interesses das massas populares, mas sim a favor dos interesses de uma organização política que objetiva garantir a liberdade para o capital.

Diante do atual contexto histórico-social, marcado pelos ataques às políticas afirmativas sob a âncora do presidente Jair Bolsonaro, é visto um conjunto de narrativas que partem de Bolsonaro no sentido de justificar e legitimar um projeto exclusivo. Suas narrativas se consolidam no campo do ódio aos povos indígenas, a população LGBTQIA+, comunidade quilombola, pessoas acampadas e assentadas dentre outros sujeitos rotulados politicamente como periféricos, subalternos e/ou marginalizados.

Há vários apontamentos de que seu posicionamento seja fascista, logo, patriarcal, machista, misógino, homofóbico, perpassando outras opressões que se matizam no campo da hostilidade. Desse modo, a retórica desta figura política é representado pelo campo da violência simbólica, da hostilidade a população colocada nas margens e disseminado pelos instrumentos midiáticos conservadores que desenvolvem uma função política de ludibriação da sociedade e de manutenção da lógica de pensamento



reacionário. Então, o discurso/retórica de Bolsonaro posto no contexto da sociedade brasileira é eivado de interesses partidários e disseminado a partir do senso comum com o objetivo de ludibriar as pessoas e construir uma sociedade subsidiada na lógica da submissão aos instrumentos de dominação.

Em um contexto político e internacional, é visto que sua retórica está submissa aos interesses do imperialismo norte americano e a manutenção do Brasil enquanto país de economia tardia, frente à exploração do capital estrangeiro. A perversidade sistêmica da retórica de Bolsonaro sugere o aniquilamento da diferença e objetiva conceituar um novo marco de civilização nos moldes do projeto de sociedade colocado por Hitler na Alemanha nazista. Sabe-se, no entanto, que é preciso construir rotas de fuga, resistir e (re)existir frente às inúmeras tentativas de aniquilar os povos que compõem e representam o território brasileiro. O problema não é a diferença, mas sim aniquilar esta diferença. Por isso, é de extrema importância entender suas narrativas e projetos que não nos servem, pois coloca as vidas humanas, da classe trabalhadora como instrumentos de acumulação de riqueza para o capital. Neste sentido, sabe-se que:

A retórica de Bolsonaro personifica as identidades oprimidas sob um ângulo racista embasado na pedagogia colonialista de dominação. Indubitavelmente, os seus discursos tendem a reduzir o sujeito negro da sua dimensão social, cultural, política e individual e aplicando rótulos que são considerados em seus discursos para negar a subjetividade do indivíduo além de projetar as identidades oprimidas numa perspectiva de primitivização e incivilização (SOUSA JÚNIOR; NERI, 2020).

Logo, os aspectos que compõem as narrativas de Bolsonaro estão situados em um campo de intersecções entre opressões que resultam em violências tanto físicas quanto simbólicas. Os seus seguidores, geralmente classe média branca, pobre de direita, milícias, empresários e outras categorias, se identificam com esse discurso legitimado pela ideologia e prática da competitividade, da exploração, pela democracia de mercado, pela intensificação das fakes news como táticas partidária e por uma política que impõe lógicas de dominação. A partir destas intersecções:

Nota-se uma esquematização gênero-raça no discurso de Bolsonaro, pois seu discurso opera no sentido da representação da mulher negra e homem negro de modo a classifica-los numa posição de marginalidade. Em outras situações, é possível observar o jogo de palavras utilizado pela retórica bolsonarista. Enquanto uma palavra representa a estética negativa da identidade negra uma segunda máscara sua posição de marginalidade (SOUSA JÚNIOR; NERI, 2020).

Essa retórica representa também uma prática racista, visto que o racismo é também uma prática discursiva, manifestando-se através do olhar e dos gestos. Portanto, as narrativas deste sujeito é meramente político, ideológico, antidemocrático, antissocialista, racista, carregado de autoritarismo dentre outras possibilidades possíveis de opressão e de marginalização de identidades historicamente



oprimidas, onde sua vocação ontológica é negada cotidianamente. Durante o encontro com jornalistas e simpatizantes na saída do Palácio da Alvorada no dia 26 de março de 2020, Bolsonaro afirmou que “o brasileiro tem que ser estudado. Ele não pega nada. Você vê o cara pulando em esgoto ali, sai, mergulha, tá certo? E não acontece nada com ele. Eu acho até que muita gente já foi infectada no Brasil, há poucas semanas ou meses, e ele já tem anticorpos que ajudam a não proliferar isso daí” (Jair Messias Bolsonaro – Presidente da República).

Alguns trechos da retórica de Bolsonaro expostos nas mídias, nos textos eletrônicos e vistos presencialmente evidenciam o caráter de seu discurso, agressivo, preconceituoso, racista, naturalizando práticas fascistas, o feminicídio, a transfobia entre outros crimes que os aparatos jurídicos e políticos invisibilizam, o que evidencia a estrutura patriarcal que o discurso de Bolsonaro se encontra. Há alguns monopólios de mídia que reproduzem este discurso com o objetivo de manter a lógica do colonizador, da dominação massiva sobre os corpos negros, periféricos e, sem dúvidas, da dominação das mentes como propôs Mussolini ao afirmar que o pensamento de Gramsci deveria ser encarcerado por mais de vinte anos.

Entender as narrativas de Bolsonaro é urgente, pois como já mencionado anteriormente, está situado numa estrutura de poder. Deste modo, é preciso reafirmar a necessidade da luta coletiva, anti-capitalista e construir cotidianamente em tempos de crise do capital narrativas de combate alicerçadas em outras narrativas, ou seja, pedagogias da resistência, afirmação e libertação. Em termos gerais, as narrativas de Bolsonaro tendem a criar atores hegemônicos, aproximando-se de um mundo mais perverso e desumano. Diante de sua infeliz retórica, é válido afirmar que a liberdade está colocada diante deste governo como forma de competitividade.

A opressão que parte do governo Bolsonaro tem que ser percebida, captada numa relação espaço-tempo, buscando-se um processo de desintoxicação de forma radical, de modo que nossas práticas capte os oprimidos, sensibilizando-os e reeducandos a superar a esse círculo vicioso que nos é imposto. Há sempre novas variáveis surgindo por meio do discurso de Bolsonaro. É preciso estarmos atentos para construir frentes de combate às novas formas de dominação e opressão que são impetradas por seu discurso.

DEMOCRACIA: REFLEXÕES E IMPLICAÇÕES

O governo Bolsonarista é constantemente acusado pela oposição de ser um governo antidemocrático enquanto que seus apoiadores o defendem do contrário. Não há dúvidas que Jair Bolsonaro chegou ao poder por vias democráticas, uma vez que o 38º presidente do Brasil foi eleito



democraticamente nas eleições de 2018, atingindo 55,13% dos votos. Democraticamente, mas partindo de estratégias e táticas antidemocráticas bem como o uso das fakes news utilizadas como forma de persuasão da sociedade e a perseguição ao Partido dos Trabalhadores (PT) resultando no que se conhece como antipetismo.

Contudo, segundo Levitsky e Ziblatt (2018) governos com democracias consolidadas estão sendo ameaçados justamente por líderes autocráticos que chegaram ao poder por vias democráticas e só depois que já estão na posição que almejam começam a trabalhar para destruir o sistema político que o elegeram.

Em pouco mais de um ano de governo Bolsonarista já é possível identificar vários aspectos antidemocráticos que caracterizam seu discurso, como por exemplo o ataque à mídia e às instituições democráticas, responsáveis por manter o cumprimento das normas constitucionais que norteiam a administração pública e a vida dos brasileiros.

Um dos ataques a mídia se deu durante sua *live* em 27 de fevereiro de 2020. Segundo a Folha de São Paulo (2020), Jair Bolsonaro defendeu que empresas não realizem a divulgação de suas marcas em jornais como a Folha de São Paulo e a revista *Época*, uma vez que são mídias que só mentem e trabalham contra o governo.

Já em 28 de maio de 2020, conforme a publicação do UOL (2020), em discurso em frente ao Palácio da Alvorada, Bolsonaro criticou a decisão do Supremo Tribunal Federal (STF) e da Polícia Federal (PF), por cumprirem mandados de busca e apreensão contra seus apoiadores, que foram acusados de organizar movimentos antidemocráticos solicitando o fechamento do STF e intervenção militar. Em suas palavras o presidente criticou a postura do órgão, alegando que a liberdade de expressão dos seus apoiadores, direito presente em governos democráticos, estava sendo violada e que tudo tem seu limite, afirmando com a utilização de palavras de baixo calão que acabou a perseguição a qual seu governo está sofrendo.

Com esse discurso que coloca a credibilidade das decisões do STF em dúvida, Bolsonaro tenta enfraquecer a instituição, o que Jason Stanley (2018) afirma ser uma estratégia antidemocrática de propagandas fascistas, pois o ataque ao poder judiciário com críticas a sua imparcialidade, tem como objetivo enfraquecê-lo.

Ademais, “a desinstitucionalização vende gato por lebre e confunde arditosamente o combate à corrupção com corrupção da democracia e implosão de procedimentos” (MENDES *et al.*, 2019, p. 194). Como consequência os responsáveis por defender os pilares democráticos não percebem a subversão do sistema político, que assim como uma doença silenciosa, manifesta sintomas de anormalidades, mas por



sua sutileza não é levada em consideração e quando se percebe o seu potencial destruidor não há mais chances de cura.

Ainda segundo Levitsky e Ziblatt (2018), os líderes autocráticos que não conseguem conquistar o apoio das instituições democráticas tentam destruí-las colocando em questionamento sua credibilidade ou cultivando o medo nos seus adversários que optam em ficar quietos diante do temor que estes demagogos autocráticos geram.

Assim, quando governos autoritários possuem as instituições ao seu lado começa o desmonte da democracia, muda-se a constituição, criam-se leis sempre com a desculpa de estar fazendo o melhor para o país e que essas medidas são necessárias para acabar com a corrupção, combater a criminalidade e outras mazelas do sistema. Desta forma, sutilmente a democracia vai sucumbindo a governos autocráticos.

Contudo, se faz necessário em tempos de incertezas e de obscurantismo reafirmar que vivemos numa farsa de democracia que afirma o discurso humanístico, colocando de forma implícita a liberdade nas mãos do capital.

A democracia no sentido moderno do termo, é uma criação burguesa. Ela é a forma política mais desenvolvida de uma sociedade movida pela acumulação privada do capital, pelo individualismo burguês. Ela se caracteriza pela concepção de que todos os homens são iguais e, portanto, desconsidera as reais diferenças entre os indivíduos. [...] Em outras palavras, a democracia é uma forma de organização social que, afirmando a igualdade política de todos, reproduz as desigualdades entre a burguesia e o proletariado (LESSA; TONET, 2011, p. 84).

Por mais que a democracia burguesa a qual vivenciamos seja uma máscara política do sistema capitalista ou sobretudo, uma expressão mais sofisticada do Estado burguês esta democracia como coloca Lessa e Tonet (2011, p. 85) “é certamente uma forma de liberdade superior à escravidão e à servidão, contudo não deixa de ser uma forma de liberdade essencialmente limitada, pois submetida a lógica da reprodução do capital”.

Logo, há a democracia apenas no aspecto da formalidade. Sem dúvidas, a democracia burguesa está ancorada na apropriação privada da riqueza. Desse modo, o discurso de Bolsonaro enquanto chefe de Estado representa o alijamento dos mínimos direitos assegurados a classe trabalhadora, suspendendo uma ordem democrática.

FASCISMO: UM CONCEITO A SER COMPREENDIDO NA ATUALIDADE

A oposição do atual governo e os movimentos antifascistas tem afirmado frequentemente, que a administração de Jair Messias Bolsonaro é um regime fascista. Porém, se faz necessário uma análise



cuidadosa de tal conceito antes de “encaixá-lo” no presente, para que não ocorra um anacronismo, erro este que costuma ser cometido, involuntariamente, quando se busca compreender o presente com conceitos históricos realizando analogias com o passado sem levar em consideração aspectos políticos, econômicos e sociais da época, que são importantes na formação destas definições.

Com isso em mente, torna-se relevante trazer à discussão a definição de consciência histórica, que contribuirá na desconstrução de aplicações de conceitos históricos de maneira inconsequente no presente. Segundo Jorn Rusen (2010) a consciência histórica consiste em ter conhecimento que não se pode aproveitar conceitos de outro tempo e aplicá-los no presente sem antes interpretar as suas circunstâncias sociais, políticas, econômicas, entre outras que influenciaram na construção de um determinado conceito e sobretudo, nas ações dos indivíduos daquele tempo, pois, desta forma, ocorreria o risco de eivar esta ou outra pesquisa com falácias.

Ademais, quando se tenta encaixar conceitos do passado no presente, sem a noção de consciência histórica, gera uma sensação que a História é cíclica, ou seja, se repete com o passar do tempo, porém, isto não é verdade, visto que a dialética do tempo é outra, os contextos apontam novas mudanças sociais.

Ainda assim, é comum identificar algumas semelhanças do atual governo com regimes totalitários e fascistas, contudo fica a indagação: identificar algumas características de um regime em um outro é suficiente para caracterizá-los como iguais? Para responder a este questionamento é preciso antes conhecer o regime pelo qual ele está sendo comparado e conhecer algumas características que permeiam a história do Brasil, para daí desenvolver um posicionamento de como estas características e conceitos compõem o seu discurso/narrativa.

Nesse sentido, é possível afirmar que o regime fascista enquanto acontecimento histórico ocorreu somente na Itália, no século XX uma vez que as condições econômicas, sociais e políticas daquele período pertencem àquele tempo histórico, embora a sua corrente ideológica político-fascista continua ainda a se propagar e influenciar vários governos extremistas. “Pode-se dizer que o fascismo italiano foi a primeira ditadura de direita que dominou um país europeu e que, em seguida, todos os movimentos análogos encontraram uma espécie de arquétipo comum no regime de Mussolini” (ECO, 2018, p. 24)

Umberto Eco (2018) e Jason Stanley (2020) citam diversos aspectos que ajudam a identificar um regime com ideologia fascista, como por exemplo, a criação de um passado mítico, que no governo Bolsonaro remete ao período do golpe militar, onde o presidente insiste em negar a ditadura e busca redesenhá-la como um período de glória da nação, o qual deve ser revivido. Segundo a revista Istoé (2019), Bolsonaro afirmou no dia 27 de março de 2019 que o Brasil não viveu uma ditadura, mas sim “probleminhas” no regime militar.



Outro aspecto citado pelos os autores é a propaganda anti-corrupção, característica essencial de um regime com ideologia fascista e encontrada no discurso do atual governo, haja vista que o mesmo se apoiou durante toda sua campanha em destruir a imagem da oposição petista denunciando os supostos crimes de corrupção praticados pela administração de Luís Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff e ainda divulgou fake news como ferramenta para manchar a imagem política de seus adversários.

Uma das fake news que mais repercutiram em desfavor da oposição e que demonstra o culto a tradição, outra característica de um regime que se apoia em uma ideologia fascista, como aponta Umberto Eco (2018), foi acusar o PT de criar um Kit Gay, que seria distribuído nas escolas para crianças de 6 anos, contudo, como descreve o jornal eletrônico El País (2018), tratava-se de um projeto chamado Escola sem homofobia, apresentado em 2011, pelo ministro da educação Fernando Haddad e que nunca foi implementado.

“O termo “Fascismo” adapta-se a tudo porque é possível eliminar de um regime fascista um ou mais aspectos, e ele continuará sempre a ser reconhecido como fascista” (ECO, 2018, p. 34), logo, não é uma ideologia engessada, pois ela pode se adaptar a vários grupos extremistas, tanto de esquerda como de direita, sem necessariamente ser apontado como o Fascismo exercido por Mussolini, na Itália, mas sim como possuidor de alguns características daquele acontecimento histórico. Nesse limiar, não podemos definir o governo Bolsonaro como fascista, embora tenha fascistas engravatados ocupando cargos públicos do governo. Ainda, o que se chama de Bolsonarismo não pode ser totalmente qualificado como fascismo, haja vista que nem todos os indivíduos que compõem esse grupo praticam ou reproduzem as práticas fascistas.

Seria incorreto se qualificarmos o governo brasileiro como regime fascista visto as práticas fascistas presentes no contexto brasileiro sob a ótica de Bolsonaro e de seus ideólogos. Entende-se que o fascismo é mais do que um regime político, entendido hoje na sociedade brasileira como um movimento de massas, de cunho político, antidemocrático, antissocialista que vem dialogando cotidianamente com a elite brasileira, visto que “o fascismo e o capitalismo tornaram-se aliados práticos [...]” (PAXTON, 2018, p. 338). Em outras palavras, pode-se afirmar que:

O fascismo é uma tendência que surge na fase imperialista do capitalismo, que procura se fortalecer nas condições de implantação do capitalismo monopolista de Estado, exprimindo-se através de uma política favorável à crescente concentração do capital; é um movimento político de conteúdo social conservador, que se disfarça sob uma máscara “modernizadora”, guiado pela ideologia de um pragmatismo radical, servindo-se de mitos irracionais e conciliando-os com procedimentos racionalistas-formais de tipo manipulatório (KONDER, 2009, p. 53).

Portanto, toda a militância deve buscar desvendar as bases do fascismo na atualidade brasileira, tão presente na retórica de Bolsonaro e nas milícias que expressam claramente essa política de



hostilidade à comunidade marginalizada. É urgente compreender as táticas e estratégias das práticas fascistas na atualidade de modo que se construa um processo rizomático de luta e de enfrentamentos (SOUSA JÚNIOR; PINTO, 2020). É visto que as narrativas de Bolsonaro revelam similaridade com as características da Itália fascista, embora o governo brasileiro não seja um regime fascista.

IMPACTOS DA NARRATIVA DE BOLSONARO

Um dos impactos levantados nesta pesquisa foi o aumento de ataques aos jornalistas no Brasil. Só em 2019, conforme levantamento da FENAJ (Federação Nacional dos Jornalistas), Jair Bolsonaro foi responsável por 58% dos ataques a jornalistas. Ademais, de acordo com o levantamento, os ataques aos jornalistas e veículos de comunicação aumentaram 54% em comparação com 2018. Dado preocupante, pois “uma imprensa independente é um bastião das instituições democráticas; nenhuma democracia pode viver sem ela” (LEVITSKY; ZIBLATT, 2018, p. 189).

Outras instituições que estão recebendo constantes ataques por parte do governo e seus apoiadores são o Supremo Tribunal Federal e o Congresso Nacional. Ainda em 2019, uma pesquisa coordenada pela universidade americana Vanderbilt em parceria com a Cespe/FGV (Centro de Economia e Política do Setor Público da Fundação Getúlio Vargas), constatou que houve um aumento de 37% na quantidade de eleitores de direita que apoiam a dissolução do STF em momentos de “dificuldades”, em comparação com o ano de 2008 que acumulava 15% e passou em 2019 para 52%.

Já quando se fala no fechamento do Congresso Nacional houve um aumento de 13% entre os direitistas, em comparação com o ano de 2006 que acumulava o apoio de 17% e aumentou em 2019 para 30%. Esse aumento surge concomitante a ascensão da extrema direita no poder, uma vez que a narrativa de Bolsonaro considera essa possibilidade, por mais que seja ilegal, viável em tempos de crises. Conforme descreve o jornal eletrônico Gazeta do Povo (2020), Bolsonaro cogitou enviar tropas para destituir os 11 ministros do STF e que em reunião ministerial teria buscado maneiras de dar ar de legalidade a sua decisão.

Nessa mesma pesquisa foi constatado o aumento da polarização quando se incluiu o posicionamento de Jair Bolsonaro nos debates. Foi perguntado aos entrevistados quem apoiava a privatização da Petrobras, entre os que consideram o governo de Bolsonaro bom ou ótimo a adesão foi de 45%, enquanto quem considera sua gestão ruim ou péssima foi de 33%, uma diferença de apenas 12%. Agora quando foi afirmado que o atual presidente apoiava a privatização a diferença saltou para 34%, pois entre seus eleitores a porcentagem de adesão a proposta subiu 57%, enquanto para a sua oposição a adesão diminuiu para 23%. Tornando-se nítido o quadro de polarização o qual o Brasil está



passando, resultado de um discurso de ódio, carregado de autoritarismo que ganha adeptos entre os conservadores, religiosos e a aversão de seus opositores que se sentem ameaçados diante de tal narrativa.

A polarização na sociedade brasileira adquiriu os mesmos contornos que se tem observado nos Estados Unidos e na Europa, à qual sociólogos e psicólogos políticos têm chamado de polarização afetiva. Os rótulos políticos usados são vazios de conteúdo programático, despolitizados e cheios de conteúdo emocional, tipo “amo a nós, logo odeio a eles”. Esse tipo particular de polarização responde a estímulos que levam as pessoas a sentir que pertencem a um grupo com identidade própria e antagônico a outro, em um contexto de perda generalizada de referências. A radical separação entre “nós aqui” e “eles lá” alimenta uma visão do outro fortemente estereotipada, preconceituosa e belicosa (ABRANCHES *et al.*, 2019, p. 16).

Desse modo, essa retórica convida grupos conservadores e reacionários a se manifestar na rua em prol de ecoar gritos por pautas que são distorcidas e alimentadas a partir do senso comum bem como defender a criminalização do aborto. Outro impacto, é estimular boa parte da classe média brasileira a se manifestar nas ruas a favor do fechamento do congresso nacional e a reivindicar pela volta do AI-5. Tem-se visto um ataque concentrado as instituições jurídicas dentre outras que teoricamente prezam pelo bem estar da população e da democracia. Assim, os impactos da narrativa de Bolsonaro são fortes, perigosos e sua retórica é tida por certos grupos como verdade absoluta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É preciso considerar que precisamos ocupar todos os espaços de modo a construirmos a formação política e narrativas contra-hegemônicas. Este trabalho/artigo evidenciou as características da narrativa de Bolsonaro, explicitando os seus impactos no cenário brasileiro. Fez-se necessário apontar a reflexão e a crítica no que tange ao debate em torno da democracia e da conceituação do que seja fascismo. Não objetivou-se concluir um debate, mas sim procurar inquietações e implicações a partir dos objetivos propostos nesta pesquisa de natureza qualitativa de cunho bibliográfica.

Ficou claro que as narrativas de Bolsonaro são construídas a partir de um campo de poder mediante uma estrutura racista, colonial, da dominação e da (neo)colonização. Suas narrativas representam a interrupção das mínimas prerrogativas asseguradas à classe trabalhadora pela democracia burguesa, visto que suas práticas fascistas passam a ser naturalizadas como política de governo.

Também é válido ressaltar que a democracia no Brasil nunca esteve de fato consolidada, pois a presença do racismo, da exclusão de grupos minoritários desde o período da colonização só evidenciou a dificuldade do Brasil ser um país verdadeiramente democrático, haja vista que uma democracia é o governo do povo, para o povo e enquanto os negros, índios, mulheres, LGBTQIA+ não forem incluídos



e reparado o descaso vivenciados por estes grupos na sociedade brasileira, não existirá um sistema democrático consolidado, mas sim uma pseudo democracia.

Logo, o pouco de progresso que a luta de muitos movimentos sociais conseguiram nesse processo de redemocratização está em risco com a narrativa do atual governo que fomenta o ataque às minorias e políticas afirmativas.

REFERÊNCIAS

APOLINÁRIO, F. **Metodologia da ciência**: Filosofia e prática da pesquisa. São Paulo: Cengage Learning, 2012.

CARTA CAPITAL. “5 países que embarcaram na rota autoritária da extrema-direita em 2019”. **Carta Capital** [25/12/2019]. Disponível em: <www.cartacapital.com.br>. Acesso em: 15/08/2020.

ECO, U. **O fascismo eterno**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2018.

EL PAÍS. “Cinco “fake news” que beneficiaram a candidatura de Bolsonaro”. **El País** [18/10/2018]. Disponível em: <www.brasil.elpais.com> Acesso em: 18/08/2020.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Bolsonaro elogia CNN Brasil e defende boicote à mídia “que mente””. **Folha de São Paulo** [27/02/2020]. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br>. Acesso em: 15/08/2020.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UECE, 2002.

G1. “Jair Bolsonaro é eleito presidente com 57,8 milhões de votos”. **G1** [24/10/2018]. Disponível em: <www.g1.globo.com>. Acesso em: 15/08/2020.

GAZETA DO POVO. “Bolsonaro cogitou enviar tropas para ocupar o STF e destituir 11 ministros, diz revista”. **Gazeta do Povo** [05/08/2020]. Disponível em: <www.gazetadopovo.com.br>. Acesso em: 15/09/2020.

ISTOÉ. “Bolsonaro diz que não houve ditadura no Brasil e que regime teve ‘probleminhas’”. **Isto É** [27/03/2019]. Disponível em: <www.istoe.com.br>. Acesso em: 18/08/2020.

KONDER, L. **Marx**: vida e obra. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2015.

LEVITSKY, S.; ZIBLATT, D. **Como as democracias morrem**. São Paulo: Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2018.

LESSA, S.; TONET, I. **Introdução à filosofia de Marx**. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2011.

MENDES, H et al. **Democracia em risco?**: 22 ensaios sobre o Brasil hoje. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RUSEN, J. **Razão histórica**: teoria da história – os fundamentos da ciência histórica. Brasília: Editora UNB, 2010.



SOUSA JÚNIOR, A. R; PINTO, J.A.S. “As faces do fascismo na atualidade eo papel dos movimentos sociais no processo de sua superação”. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 3, n. 8, 2020.

SOUSA JÚNIOR, A. R; NERI, A.A.M. “Memórias da plantação: uma leitura crítico-reflexiva para entender o racismo diante da retórica bolsonarista”. **Portal Eletrônico Esquerda Online** [23/05/2020]. Disponível em: <www.esquerdaonline.com.br>. Acesso em: 13/09/2020.

STANLEY, J. **Como funciona o fascismo**: A política do “nós” e “eles”. São Paulo: L&PM Editores, 2018.

PAXTON, R. **A anatomia do fascismo**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2007.

UOL. “Apoio a fechar congresso e STF avança entre a direita, mostra pesquisa”. **Uol** [10/06/2019]. Disponível em: <www.uol.com.br>. Acesso em: 15/09/2020.

UOL. “Bolsonaro critica ação do STF e diz que tudo tem limite: "acabou, porra"”. **Uol** [28/05/2020]. Disponível em: <www.uol.com.br>. Acesso em: 15/08/2020.

UOL. “Torcidas antifascistas marcam ato contra Bolsonaro em várias capitais”. **Uol** [02/06/2020]. Disponível em: <www.uol.com.br>. Acesso em: 15/08/2020.



BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano III | Volume 5 | Nº 15 | Boa Vista | 2021

<http://www.ioles.com.br/boca>

Editor chefe:

Elói Martins Senhoras

Conselho Editorial

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

Conselho Científico

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávaro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima